

A Espetacularização da vida e a banalização da morte como processo Social¹

Bruno Anderson Souza da Silva²
Universidade de Caxias do Sul, UCS

Resumo

Nos dias atuais, graças ao avanço das tecnologias e suas consequentes formas de manifestação a nível individual e coletivo, alguns conceitos vem sofrendo uma espécie de esvaziamento do seu real significado e, conseqüentemente, sendo banalizados. Um desses conceitos é o conceito de morte que foi banalizada pela sua espetacularização midiática e a ausência de caráter refletido. Isto, aliado aos avanços científicos e de discussões bioéticas, acaba por ocasionar incertezas acerca da própria existência da mortalidade, no futuro. Por isso o presente trabalho busca Investigar como o controle tecnológico - dado pelos processos midiáticos, redes sociais e dispositivos biopolíticos - pode alterar o conceito de morte contemporaneamente, comprometendo o seu teor filosófico e a sua compreensão enquanto fenômeno, reduzindo-a a uma barreira técnico-virtual.

Palavras-chave: Controle – Morte – Banalização – espetacularização – Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos onde os dispositivos e as redes sociais dominam a vida das pessoas, alguns conceitos que antes podiam ser bem definidos e delineados sofrem mudanças, e esse é o caso dos termos *vida* e *morte*. Graças aos avanços tecnológicos, as pessoas necessitam aparecer, fazendo de suas vidas uma espécie de espetáculo. Sendo assim, como sugerido por Bauman em seu livro *Vida para consumo* (2008a), tudo é transformado em mercadoria, inclusive as pessoas – as redes sociais agem como enormes vitrines em que os vendedores e vitrinistas são os próprios usuários. Em prol do status e das vantagens, usuários de redes sociais fazem um “auto leilão” de si mesmos, disfarçando imperfeições, falhas e tudo o que é cotidianamente humano, e até

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Cascavel- PR - realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Doutorando do Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul PPGFIL - PUCRS, e graduando do curso de Fotografia da Universidade de Caxias do Sul UCS, email: bassilva@ucs.br

mesmo algumas qualidades (se, porventura, estas entregarem características tidas como fraquezas socialmente), pois na sociedade de consumo não se pode demonstrar fraqueza, sob a égide de não ser competitivo ou bom o suficiente (vide a ideia amplamente aceita de meritocracia). Desse modo, nessas redes, a vida das pessoas se concentra em um enorme *Big Brother*, em que cada movimento é controlado, fazendo da vida um enorme espetáculo, como propunha Guy Debord. (1967).

Outro conceito que sofreu modificação é o de morte, que de certa forma também está se transformando em mercadoria e perdendo substância, fato que está fazendo com que seu significado sofra uma espécie de esvaziamento e se torne banal. Segundo Henn (2012):

Na medida em que a cultura, no decorrer do século XX, encontrou novos modos de constituição e estruturação no sistema midiático, atravessado pelas conexões com todos os demais sistemas, a morte também passa a integrar as lógicas que regem as mercadorias simbólicas transformando-se até mesmo em seguimento muito lucrativo desse mercado. (HENN, 2012, p. 111).

Exemplo disso pode ser observado na morte do cantor Michael Jackson em junho de 2009, que alavancou a venda de seus álbuns antigos e gerou novas edições de coletâneas dos maiores sucessos da carreira do cantor. Esse tipo de acontecimento, aliás – a morte de um “mito midiático” como suporte para publicidade e vendas, não é algo incomum. Isso posto, a morte, que por muito tempo teve seu significado atrelado à religião ou ao misticismo, sendo entendida como a única coisa realmente certa na vida das pessoas, agora sofre um esvaziamento e transforma-se em mercadoria. Trata-se de um esvaziamento em seu teor de reflexão e busca de sentido ou, na impossibilidade dessas variáveis, ao menos de aprofundamento da questão por meio de um viés filosófico. Já a banalização se dá pelo fato de o mesmo ser repetido diariamente nos mais diversos meios, para fazer as pessoas se familiarizarem com ele e não mais ligarem

para a morte, tratando-a apenas como mera estatística ou sempre como a morte *do outro*, como menciona Castells (2004).

Segundo Bauman, “lembrar a iminência da morte mantém a vida dos mortais no curso correto – dotando-a de um propósito que torna preciosos todos os momentos vividos”. (BAUMAN, 2008b, p. 47). Fato que fez, de certa forma, vários campos do saber e diversos temas evoluírem, dado que o homem, sabendo de sua finitude, tendia a tentar resolver os problemas o mais breve possível, ou ainda, criar obras, textos, registros fotográficos, etc., para que eternizassem sua breve passada pela Terra. Pode-se dizer que:

A luta contra a morte começa no nascimento e continua presente pela vida afora. Enquanto prossegue, é pontilhada por vitórias – ainda que a última batalha esteja fadada à derrota. Antes dela, contudo (e quem sabe antecipadamente que batalha se revelará como a última?), a morte permanece velada. Fragmentada em incontáveis preocupações com incontáveis ameaças, o medo da morte satura a totalidade da vida, embora na forma diluída de uma toxidade um tanto reduzida. Graças à ubiquidade de suas pequenas doses, é improvável que o pavor da morte seja “ingerido” totalmente e confrontado em toda a sua medonha horripilância, sendo suficientemente comum para poder paralisar o desejo de viver. (BAUMAN, 2008b, p.59).

Deste modo, a morte possui papel importantíssimo na história da humanidade, sendo também alvo de diversos estudos (de cunho antropológico, sociológico, filosófico, entre outros) ao longo dos séculos. Como exemplo disso, podem ser citados os estudos durante a Idade Média, na busca pela pedra filosofal que, entre outros benefícios, poderia criar um elixir da vida. O homem evoluiu em diversos aspectos e campos do saber, porém, tornou-se obcecado pela ideia de viver para sempre, e pode-se dizer que essa busca pela imortalidade do corpo perdura até hoje. Na filosofia, vários autores levantaram questões relacionadas com a morte para suas pesquisas, tais como Epicuro, Platão, Martin Heidegger, Giorgio Agamben, Michel Foucault, entre outros. Na área da comunicação não é diferente, e vários autores como Zygmunt Bauman, Edgar Morin, Emanuel Castells, entre outros, também já dissertaram sobre o assunto.

Sendo assim, o presente trabalho buscará investigar como o controle tecnológico - dado pelos processos midiáticos, redes sociais e dispositivos biopolíticos - pode alterar os conceitos de vida e, principalmente, o conceito de morte, contemporaneamente, comprometendo o seu teor filosófico e a sua compreensão enquanto fenômeno, reduzindo-a a uma barreira técnico-virtual. Portanto, o presente estudo pretende, primeiramente, compreender o conceito de morte em sua acepção filosófica e investigar quais os caracteres que a compõe nesse sentido (antropológicos, históricos, ontológicos, fenomenológicos, etc.), além de apreender como alguns acontecimentos contemporâneos, - tais como os processos midiáticos; a medicalização da vida e os dispositivos, em geral, - podem lançar o fenômeno da morte a um nível técnico-virtual do qual não se apreende em totalidade, fato que gera o esvaziamento desse conceito.

A Espetacularização da vida e a banalização da morte

Zygmunt Bauman (2008b), no primeiro capítulo de seu livro intitulado *Medo líquido*, faz uma breve comparação da vida com um *reality show*, em que, segundo ele “a eliminação é um destino inevitável. É como a morte, que você pode tentar manter à distância por algum tempo, mas nada do que faça poderá detê-la quando finalmente chegar.” (BAUMAN, 2008b, p. 38). Nessa comparação de Bauman, podemos tirar duas questões primordiais para a construção desse trabalho. O primeiro é o fato de a vida realmente ter se transformado em um enorme *reality show*, onde cada vez mais, somos controlados e vigiados por dispositivos de controle e câmeras de segurança. E o segundo, é o fato de sabermos que mais cedo ou mais tarde, seremos eliminados desse programa, ou seja, que morreremos. O fato de a vida ter se transformado em uma espécie de show de Big Brother, faz com que tudo vire espetáculo e que cada vez mais as pessoas façam coisas absurdas para conseguirem seus quinze minutos de fama. Isso

faz com que as coisas se tornem frias, banais e frívolas, inclusive as relações, que como menciona Bauman, tornam-se líquidas.

Em uma realidade cercada por câmeras e por diversos outros dispositivos de controle, pode-se dizer que o próprio mundo se transformou em um enorme panóptico³, ou como Agamben diz, em um campo de concentração, onde o estado de exceção vigora e todos vigiam todos e são vigiados por todos, simultaneamente. Com isso, tem-se uma mudança de status de comunidade disciplinar para comunidade de controle, como demonstra Deleuze em seu artigo de 1990 intitulado *Post-Scriptum – sobre as Sociedades de Controle*⁴. Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um “interior”, em crise como qualquer outro interior, escolar, profissional, etc. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares.

Enquanto na sociedade disciplinar a vigilância se dava através do confinamento, por meio da situação física do indivíduo, sendo necessário controlar seus passos, seu deslocamento espacial; na sociedade de controle, o importante é vigiar as mensagens dos indivíduos, vigiam-se suas comunicações, seus hábitos, sua rotina; dessa maneira, é possível saber muito mais sobre essa pessoa ao deixá-la “livre”, ao mesmo tempo em que controla seus e-mails, mensagens e redes sociais. Nesse contexto, nas sociedades de controle, vigiar passa a ser interceptar e decodificar dados. Enquanto nas sociedades disciplinares, nunca se parava de recomeçar, indo-se sempre de uma

³ O *Panopticon* era um edifício em forma de anel, no meio do qual havia um pátio com uma torre no centro. O anel se dividia em pequenas celas que davam tanto para o interior quanto para o exterior. Em cada uma dessas pequenas celas, havia, segundo o objetivo da instituição, uma criança aprendendo a escrever, um operário trabalhando, um prisioneiro se corrigindo, um louco atualizando sua loucura, etc. Na torre central havia um vigilante. Como cada cela dava ao mesmo tempo para o interior e para o exterior, o olhar do vigilante podia atravessar toda a cela; não havia nela nenhum ponto de sombra e, por conseguinte, em tudo o que fazia o indivíduo estava exposto ao olhar de um vigilante que observava através de venezianas, de postigos semicerrados, de modo a poder ver tudo sem que ninguém, ao contrário, pudesse vê-lo (FOUCAULT, 1982. p. 87).

⁴ Publicado originalmente em maio de 1990 no jornal francês *L'Autre Journal*, nº 1.

instituição a outra, (por exemplo, da escola para a fábrica), “nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço, sendo os estados meta estáveis e coexistentes de uma mesma modulação, como que de um deformador universal”. (DELEUZE, 1992, p. 221 -222). Logo, uma sociedade de controle sempre está “em processo”. As pessoas são instigadas pelo mercado de trabalho a estarem sempre em processo de formação, sempre se atualizando, caso contrário, até mesmo o atestado de sua competência entra em caducidade e é considerado obsoleto, bem como os produtos mercantis dessa mesma sociedade. É uma competição constante consigo mesmo e contra o relógio, onde nunca se chega a ser finalizado, de fato.

Deleuze destaca ainda que as sociedades disciplinares podem ser divididas em dois polos: “a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição numa massa” (DELEUZE, 1992, p. 222). Exemplo claro disso são os documentos de identidade como RG (Registro Geral), CPF (Cadastro de Pessoa Física), Carteira de trabalho, CNH (Carteira Nacional de Habilitação), etc. Já a sociedade de controle, por outro lado, não é mais regida nem pela assinatura nem por um número de chamada – sua principal referência é, agora, a cifra, que seria uma espécie de senha, sendo o dinheiro o principal divisor das duas categorias de sociedade. Deleuze diz:

A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos”. É o dinheiro que talvez melhor exprima a distinção entre as duas sociedades, visto que a disciplina sempre se referiu a moedas cunhadas em ouro – que servia de medida padrão -, ao passo que o controle remete a trocas flutuantes, modulações que fazem intervir como cifra uma percentagem de diferentes amostras de moeda. [...] O homem da disciplina era um produtor descontínuo de energia, mas o homem do controle é antes ondulatório, funcionando em órbita, num feixe contínuo. (DELEUZE, 1992, p. 222 -223)

Deste modo, o controle imposto pela sociedade de controle passa a ser “de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado”, diferentemente da sociedade da disciplina que “era de longa duração, infinita e descontínua” (DELEUZE, 1992, p. 224). Nesse contexto, diversos conceitos a que estamos acostumados vão

perdendo seus significados e se modificando. Exemplo disso é o conceito de morte, que vem sendo negado ou banalizado de diversas formas. Isso vem acontecendo, por exemplo, por meio das diversas tecnologias que combatem o envelhecimento, ou regeneram tecidos e órgãos, trazendo as pessoas "de volta". Outros exemplos são os programas de computador ou redes sociais criados para o armazenamento de memórias e lembranças de hábitos, ou a reprodução através de tecnologia gráfica (exemplo de atores ressuscitados através de computação gráfica em filmes⁵). “A tecnologia digital levou essas potencialidades a consequências radicais, como os duetos entre vivos e mortos na indústria fonográfica ou as recentes performances de artistas que já se foram materializados no palco com tratamento holográfico.” (HENN, 2012, p. 118).

E há ainda a banalização midiática, que através de jornais sensacionalistas, transformam a morte em apenas mais um espetáculo de entretenimento para as famílias assistirem nas salas de suas casas. Segundo Bauman, “Nossos “contos morais” tentam nos vacinar contra esse medo banalizando a visão do morrer. São ensaios gerais diários da morte travestida de exclusão social, na esperança de que, antes que ela chegue em sua nudez, nós nos acostumemos com sua banalidade”. (BAUMAN, 2008b, p. 44). Sendo assim, pode-se dizer que isso se dá de forma pensada, para que através da repetição de toda essa violência e dessa morte escancarada, as pessoas se acostumem e aceitem melhor quando a morte bater em suas portas. Bauman diz:

[...] a banalização transforma o próprio confronto num evento banal, quase cotidiano, esperando desse modo fazer da “vida com a morte” algo menos intolerável. A banalização leva a experiência única da morte, por sua natureza inacessível aos vivos, para o domínio da rotina diária dos mortais, transformando suas vidas em perpétuas encenações da morte, desse modo esperando familiarizá-los com a experiência do fim e assim mitigar o horror que transpira da “alteridade absoluta” - a total e absoluta incognoscibilidade da morte. (BAUMAN, 2008b, p. 60).

5 Exemplos disso podem ser vistos nas matérias do jornal *El pais* nos links que seguem. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/05/08/cultura/1399575020_956003.html?rel=mas Acesso em: 25 ago 2017, 20h e disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/20/cultura/1484908608_174550.html. Acesso em: 25 ago 2017, 20:30h.

Isso faz com que a morte não seja mais a “Górgona, cuja própria visão seria capaz de matar: não apenas se *pode* encarar a morte, mas se deve fazê-lo diariamente, 24 horas por dia”. (BAUMAN, 2008b, p. 47). Segundo Henn (2012), encontra-se praticamente incrustada em nossa própria constituição cultural, tornando-se quase natural a transformação da morte em um acontecimento jornalístico, de alto valor e diário. “Seja como resultado de tragédias, de crimes aterradores ou envolvendo personalidade pública, a morte sempre encontra espaço nas coberturas jornalísticas e ganha, via de regra, muito destaque”. (HENN, 2012, p. 118). Esse destaque, na maioria das vezes, é resultante do interesse do veículo que, de acordo com a importância e impacto do acontecimento, dá maior ou menor ênfase para o mesmo. Por exemplo “Quando o protagonista da morte faz parte do mundo dos espetáculos, essa ênfase agiganta-se produzindo uma espécie de mitologia às avessas em que o personagem ao mesmo tempo é colocado em patamar que o distingue dos humanos e no limbo das desconstruções mais sórdidas”. (HENN, 2012, p. 118).

Ou seja, quando uma personalidade famosa morre, cria-se, de alguma forma, uma espécie de espetáculo em torno de sua morte, assim como ocorria em sua vida, fazendo desse acontecimento um enorme “circo midiático” que comove, deixa as pessoas tristes a ponto de chorarem, fazerem cortejos e, até mesmo, luto de dias, como se um membro de sua própria família tivesse partido. Esse efeito causado pela mídia é tão forte que é capaz de sensibilizar e comover até mesmo pessoas que não conhecem aquela celebridade ou que não estão envolvidas diretamente com o seu trabalho; muitas vezes, apresentando para o mundo essa personalidade apenas no momento fatídico de sua morte. Vejamos como exemplo o caso do cantor Cristiano Araujo, que até sua morte em junho de 2015, mal era conhecido por grande parte do povo brasileiro; ou ainda, o caso mais recente do time de futebol da Chapecoense, vitimado em novembro de 2016 por um acidente aéreo, e que gerou comoção mundial. Até alguns dias antes do acidente, pouquíssimas pessoas sabiam o nome dos jogadores ou mesmo conheciam suas carreiras. Mas, após a morte dos mesmos, pessoas de todo o mundo choraram e se

sensibilizaram com seus familiares. Outros exemplos de espetacularização da morte de famosos podem ser observados em 1994, na morte de Ayrton Senna; em 1996, com a morte dos integrantes da Banda Mamonas Assassinas; em 1997, com a morte da Princesa Diana, ou ainda, mais recentemente, com o caso da morte do ator Domingos Montagner, morto em setembro de 2016, e que teve praticamente sua morte transmitida minuto a minuto pelo Twitter e pela televisão. Em alguns canais, sua morte era narrada como um emocionante jogo de futebol.

Porém, quando trata-se da morte de uma pessoa comum, - da pessoa que estava passando na calçada e foi vítima de uma bala perdida ou de um carro desgovernado, - acontece uma espécie de banalização; ela torna-se apenas mais uma, apenas um número, uma estatística. Mas, cabe lembrar que ambos os processos, tanto o de espetacularização quanto o de banalização da morte, dependem do mesmo processo midiático, porém com vertentes diferentes. Para Castells (2007), a tendência que predomina atualmente é a de apagar ou anular a morte da vida, tornando-a inexpressiva, e isso se torna possível graças à sua representação de forma repetida na mídia.

A tendência predominante nas sociedades, como expressão de nossa ambição tecnológica e em concordância com nossa comemoração do efêmero, é apagar a morte da vida ou torná-la inexpressiva pela sua representação repetida na mídia, sempre como a morte do outro, de forma que nossa própria seja recebida com a surpresa do inesperado. Separando a morte da vida e criando o sistema tecnológico para fazer que esta crença dure o suficiente, construímos a eternidade durante nossa existência (CASTTELS, 2007, p. 547).

Esse fato também contém outro ponto importantíssimo a ser destacado para o desenvolvimento dessa pesquisa, pois muitas pessoas gostariam de ter seus nomes lembrados para todo o sempre; já que, por enquanto, ainda é impossível viver eternamente, ao menos, seu nome poderia viver. Para conseguir esse fim, atualmente, nota-se um aumento muito grande de pessoas fazendo coisas para conseguir alguma visibilidade nas redes, e isso vai desde vídeos, fotos e textos divertidos, opinativos ou, até mesmo, de influência; até discursos de ódio, violências e sensacionalismo sem

pudor e respeito com a vida e a morte do próximo. Para tentar conseguir gravar seu nome na história, existem também aqueles que optam por cometerem crimes ou atentados, e isso pode ajudar a entender porque tem aumentado tanto, nos últimos tempos, o número de atentados terroristas no mundo. Bauman diz:

O principal meio de atingir esse efeito é a “fama”, abreviatura de “ser mantido na memória da posteridade”. De modo paradoxal para um para um caminho em direção à imortalidade individual, pertencer a uma *categoria* é o que garante acesso à fama, e a luta por esse acesso (incluindo aquela para fazer com que uma categoria se qualifique para conceder tal imortalidade a seus membros) tem sido através da história um assunto coletivo. Inicialmente uma prerrogativa de reis e generais, a qualificação foi depois obtida por estadistas e revolucionários (e também, de modo enviesado, por escandalosos e rebeldes, suas réplicas distorcidas), descobridores e inventores, cientistas e artistas. (BAUMAN, 2008b, p. 51).

Mas, além de tentar viver para sempre através de seu nome gravado na história da humanidade, atualmente, diversos cientistas e empresas vêm dedicando tempo, dinheiro e esforços para tentar descobrir formas de retardar ou acabar com a morte. O autor israelense Yuval Noah Harari (2016) propõe em seu livro denominado “Homo Deus – Uma Breve História do Amanhã” que: “No século XXI, é provável que os humanos façam um lance sério para a aquisição da imortalidade” (HARARI, 2016, p. 30). Segundo o autor, ao longo da história humana diversas religiões e ideologias temiam e santificavam a morte, usando-a como chamariz a seus credos, proclamando que a verdadeira vida estava no além túmulo, ou seja, em um pós-vida em outra dimensão. Atualmente, as coisas estão um pouco diferentes e as religiões já não mais dominam a vida do homem; com isso, a ciência ganhou força e a visão sobre a morte também sofreu modificações. Ela foi transmutada de um efeito sobrenatural (metafísico) a um problema técnico.

Humanos morrem devido a alguma falha técnica. [...] Nada metafísico. Somente problemas técnicos. E todo problema técnico tem uma solução técnica. Não é preciso esperar pela volta de Cristo à Terra para superar a morte. Alguns *nerds* num laboratório podem fazer isso. Se a morte era tradicionalmente a especialidade de sacerdotes e teólogos, hoje são os engenheiros que estão assumindo o caso. (HARARI, 2016, p. 32)

Exemplos desses “problemas técnicos” seriam o fato de os órgãos pararem de funcionar direito, ou ainda, doenças degenerativas, etc. Ou seja, tudo que de alguma forma o homem, por meio da tecnologia e da ciência, futuramente, pode ser capaz de superar. No momento ainda não se têm a solução para todos esses problemas técnicos. E é por isso que cada vez mais se investe tanto tempo e dinheiro em pesquisas para diversas áreas, como busca da cura do câncer, pesquisas genéticas e, principalmente, pesquisas com nanotecnologia. Harari destaca ainda que gigantes da tecnologia, como a Google, vem criando fundos para o financiamento de *Start-ups* e companhias cujo o principal objetivo é o de “acabar com a morte”. Exemplo desses investimentos é a criação da sub-companhia chamada Calico⁶, criada em 2013, e comandada pelos cientistas Aubrey de Grey (o gerontologista) e Ray Kurzweil (que ganhou em 1999 a Medalha Nacional dos Estados Unidos para Tecnologia e Inovação). A Calico possui como objetivo realizar pesquisas para o retardamento ou o fim completo da morte. Esses investimentos e pesquisas visam a criação de super humanos, capazes de sobreviver aos mais diversos tipos de doenças e falhas técnicas, e isso está sendo possível graças ao “desenvolvimento vertiginoso de campos como a engenharia genética, a medicina regenerativa e a nanotecnologia” (HARARI, 2016, p. 34).

Nesse ponto, podemos fazer uma analogia entre a ciência/tecnologia moderna e a Alquimia da Idade Média, que ligava diversas áreas como Química, Antropologia, Astrologia, Magia, Filosofia, Matemática e Religião. Por meio de processos denominados alquímicos, a Alquimia buscava, entre seus objetivos, desenvolver um Elixir da Longa Vida, que seria um remédio capaz de curar todas as mazelas, oferecendo a quem o bebesse a vida e a juventude praticamente eternas. Os alquimistas também acreditavam que podiam criar vida artificial, os assim denominados

⁶ Calico - ou a *California Life Company* - foi criada para assuntos de pesquisa relacionados ao envelhecimento e suas doenças associadas, como *Alzheimer*, câncer e doenças cardíacas. Disponível em: <http://edition.cnn.com/2013/10/03/tech/innovation/google-calico-aging-death/>. Acesso em: 20 ago 2017, 22h

“homunculi” (do latim *homunculus*, que significa ‘pequeno homem’), que como o nome já sugere, seriam criaturas muito pequenas, medindo em média 12 polegadas de altura. Todos os objetivos propostos pelos alquimistas poderiam ser obtidos por meio da aquisição/criação da pedra filosofal, que seria um objeto místico com grandes poderes.

Essas ideias ainda hoje se encontram muito presentes em nossa cultura, e exemplos clássicos disso podem ser encontrados na literatura – com livros como *Frankenstein*, de Mary Shelley; – filmes, novelas, entre outras ficções da cultura pop, que costumam espelhar os anseios das pessoas de sua época. Todavia, se encontram especialmente na busca da ciência (notadamente no que tange a cientificidade médica), que pode ter encontrado na tecnologia sua pedra filosofal, capaz de dar vida a objetos inanimados e de produzir um elixir da vida. Portanto, essas características presentes na Idade Média também podem ser vistas nos tempos hodiernos, por exemplo na tentativa da criação de vida por meio de objetos inanimados através das assim denominadas inteligências artificiais. Talvez em 50 ou 100 anos já existam pessoas capazes de superar/vencer a morte por causas técnicas, embora, ainda assim, essas pessoas serão *matáveis*. Isso não as tornaria imortais, mas sim, *amortais*. Harari diz:

Na verdade, eles serão amortais, e não imortais. Ao contrário de Deus, os futuros super-homens poderão morrer em alguma guerra ou em um acidente de trânsito, e nada os trará de volta. Contudo, diferentemente de nós, mortais, suas vidas não teriam “data de vencimento”. Enquanto uma bomba não os fizer em pedaços ou um caminhão não lhes passar por cima, poderão continuar a viver indefinidamente. No entanto, é bem provável que isso fará dessas pessoas as mais ansiosas na história. Nós mortais arriscamos diariamente nossa vida porque sabemos que ela, de um jeito ou de outro, vai acabar. Assim, saímos em jornadas no Himalaia, nadamos no mar e participamos de outras ações perigosas, como atravessar a rua ou comer fora. Mas, se acreditarmos que podemos viver para sempre, seremos loucos se apostarmos com o infinito. (HARARI, 2016, p. 35).

Isso posto, pode-se dizer que esse prolongamento da vida irá afetar as relações familiares, profissionais e até mesmo as relações artísticas. As relações em famílias se tornariam mais frias; as relações de trabalho, mais desgastantes; e as formas de se fazer arte, muito mais vazias e superficiais. Por fim, mesmo que não se conquiste a

amortalidade nesse século, essa será, possivelmente, uma batalha que se perpetuará ainda por muito tempo, pois “nosso compromisso ideológico com a vida humana nunca permitirá que simplesmente aceitemos a morte. Enquanto a morte for motivada por alguma coisa, estaremos empenhados em superar suas causas” (HARARI, 2016, p. 37). Por enquanto, ainda não possuímos esse poder sobre a morte, e a mesma ainda é vista com certo medo e pavor pelas pessoas – o único tabu que restou quando o tabu do sexo foi supostamente quebrado. Sendo assim, somos vítimas diariamente de várias indústrias que lucram com esse medo da morte, como por exemplo, as indústrias da medicina, da alimentação “saudável”; a estética dos corpos, sua medicalização. E, por uma indústria da tecnologia, que por meio de filmes e *softwares* nos faz sentirmos mais jovens, fazendo cada vez mais viva a ideia de “viver para sempre”. Fatos que modificam a forma de se ver a morte, gerando sua transformação e seu esvaziamento.

5 REFERÊNCIAS

Referências do Projeto

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**: homo sacer II, 1. Tradução de Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo, 2004;

ANES, José Manuel, Discursos e práticas alquímicas - I e II, Lisboa, Hugin/CICTSUL, 2001(e 2002).

BAUMAN, Zygmunt. . **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Medo Líquido**: Trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BITTENCOURT, Renato Nunes. A plutocracia capitalista e a diluição da experiência ética. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v.12, n. 137, p. 126-128, out. 2012.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/18639/9894>>. Acesso em: 20 de out. 2016;

_____. **Os dispositivos existenciais do consumismo**. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 10, n. 118, p. 103-113, mar. 2011. Disponível em:

<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/10182/6708>>. Acesso em: 20 out. 2016;

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

COSTA, Rogério da. Sociedade de controle. **São Paulo Perspec.**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 161-167, Mar. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392004000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 de ago. 2016;

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. Disponível em: <<https://grupodeestudosdeleuze.files.wordpress.com/2016/05/deleuze-g-conversac3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 25 de Jan. 2017;

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: curso no Collège de France (1975-1976). Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999b;

_____. **Em Defesa da Sociedade**, São Paulo; Martins Fontes, 2002.

_____. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro: Edições Graal, 3ª edição, 1980;

_____. **História da sexualidade I**: A vontade de saber Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988;

_____. **História da Sexualidade I – A Vontade de Saber**, Rio de Janeiro; Graal, 1999a

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus** - Uma Breve História do Amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HENN, Ronaldo. **Os mortos vivem no Twitter**: outras camadas da morte como acontecimento. In: MAROCCO, Beatriz, BERGER, Christa, HENN, Ronaldo (orgs.). **Jornalismo e Acontecimento**: Diante da morte. Florianópolis, SC; Insular, v. 3, 2012.

VALERIO, R G. Dispositivo escolar: disciplina e controle. **Pesquisa em Foco em Educação e Filosofia**, v. 7, p. 103-113, 2014. Disponível em <[http://www.educacaoefilosofia.uema.br/imagens/9.%20Dispositivo%20escolar\(artigo-valeriorg\).pdf](http://www.educacaoefilosofia.uema.br/imagens/9.%20Dispositivo%20escolar(artigo-valeriorg).pdf)>. Acesso em: 24 de Jan. 2017;

VEIGA, Itamar Soares. Videntes, dispositivos e os processos de subjetivação segundo Agamben. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, Bahia, v.13, n.1, jun. 2016. Disponível em: <<http://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol13-n1/25.pdf>>. Acesso em: 18 de Jan. 2017;